

3.1.5 - Doutrinados pela “Cultura Capitalista” e incapazes de compreender: implicações da aceleração do tempo na vida dos universitários brasileiros na hipermodernidade.

Thamiris Marques, Anderson Pereira Mendonça, Marcell de Souza Rosa Pereira, Débora da Silva Sampaio.

Doutrinados pela “Cultura Capitalista” e incapazes de compreender: implicações da aceleração do tempo na vida dos universitários brasileiros na hipermodernidade

T. MARQUES

Doutora (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em Psicologia, Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. thamiris_marques@hotmail.com

A. P. MENDONÇA

Doutor (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em Psicologia, Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. anderson.p.mendonca@hotmail.com

M. S. R. PEREIRA Graduação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em Psicologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. marceli.srosa@gmail.com

D. S. SAMPAIO Mestre (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em Psicologia, Psicanálise, Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. deborasampaio@rocketmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

MARQUES, T.; MENDONÇA, A. P.; PEREIRA, M. S. R. e SAMPAIO, D. S. **Doutrinados pela “cultura capitalista” e incapazes de compreender: implicações da aceleração do tempo na vida dos universitários brasileiros na hipermodernidade.** URL: [www.italo.com.br/porta/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/porta/cepep/revista_eletr%C3%B4nica.html). São Paulo SP, v.10, n.3, p.196-213 , jul /2020.

RESUMO

O presente artigo aborda implicações da aceleração do tempo na vida dos universitários brasileiros na hipermodernidade. Mais especificamente o tema é abordado a partir das contribuições do significado de compreensão e doutrinação que foram propostos por Hanna Arendt, juntamente com o fenômeno da aceleração do tempo característico da “Cultura do consumo” discutido pela Escola de Frankfurt, já que os autores frankfurtianos vêm discutindo o fenômeno da aceleração do tempo na hipermodernidade.

Palavras-chave: hipermodernidade; cultura do consumo; tempo.

ABSTRACT

The present article deals with the implications of the acceleration of the time in the life of Brazilian university students in hypermodernity. More specifically the theme is approached from the contributions of the meaning of understanding and indoctrination that were proposed by Hanna Arendt along with the phenomenon of the acceleration of time characteristic of the "Culture of the consumption" discussed by the Frankfurt School, since the frankfurtianos authors come discussing the phenomenon of acceleration of time in hypermodernity.

Keywords: hypermodernity; consumer culture; time.

Este trabalho objetiva articular o significado de compreensão e doutrinação proposto por Hanna Arendt com o fenômeno da aceleração do tempo característico da “Cultura do consumo” discutido atualmente pela Escola de Frankfurt, além de refletir a cerca de suas consequências na vida acadêmica dos universitários brasileiros.

Na Europa em 1923 foi criado o Instituto de Pesquisas Sociais que futuramente viria ser chamado de Escola de Frankfurt. Dentre seus membros, destacaram-se Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamim. Estes sofreram fortes influências da Teoria Marxista, concepções de Sigmund Freud e Max Weber (ÁLVARO; GARRIDO, 2006), além da influência dos filósofos Kant e Hegel.

Esta escola propôs uma teoria que realizasse uma análise crítica do marxismo, do positivismo e da sociedade capitalista e seus expoentes “foram capazes de realizar uma crítica a Ilustração [conhecida como Iluminismo] sem renunciar aos princípios que tinham servido de base para esta” (ÁLVARO; GARRIDO, 2006, p.136). A partir de seus estudos popularizaram a denominação de Teoria Crítica para identificar uma nova maneira de compreender o marxismo. (SANTOS,1999).

O que esta concepção traz de novo é a interdisciplinaridade e a aplicação de técnicas de investigação empíricas das ciências sociais para criticar a sociedade capitalista e os processos de transformação social. Desde então, a Teoria Crítica passou por inúmeras transformações, cresceu e transcendeu os limites temáticos da Escola de Frankfurt da Europa, mas apesar disso conservou características essenciais como: a preocupação com a natureza e validade da ciência, a vocação interdisciplinar, a recusa à instrumentalização do conhecimento científico a serviço do poder político ou econômico, a

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.3 jul/2020

denúncia da mistificação ideológica dos conflitos de interesse e de poder que se escondem nas relações sociais, e por fim, um comprometimento ético que liga valores universais aos processos de transformação social, o que confere a teoria uma aspiração utópica (SANTOS, 1999).

É a partir desta concepção, conservando os principais aspectos que definem a Teoria Crítica, que autores frankfurtianos vêm discutindo o fenômeno da aceleração do tempo na hipermodernidade. Este breve trabalho irá desenvolver uma análise crítica deste fenômeno, propondo uma conexão com o pensamento da filósofa política alemã Hanna Arendt que, apesar de não pertencer a Escola de Frankfurt, proporciona uma série de reflexões críticas acerca do mundo contemporâneo, estando em consonância com os pressupostos da Teoria Crítica.

Levando em conta a definição de hipermodernidade discutida por Gilles Lipovetski e Sébastien Charles, discutir-se-á a emergência de um novo homem, que aliado às novas tecnologias rompe os limites que norteiam a construção de sua identidade, ou seja, os valores que antes indicavam como o sujeito agiria são hoje retirados em nome de uma flexibilidade que é exigência para a sobrevivência no mundo competitivo característico da chamada hipermodernidade (EWALD et al., 2006).

Dentro desta lógica, o sujeito é enredado e passa a crer que precisa acelerar as suas práticas para não ser ultrapassado pelos avanços deste tempo. Essas crenças construídas pelo indivíduo que pode ser a qualquer momento esmagado pelas “evoluções” em geral relacionadas à tecnologia são resultado da doutrinação (ARENDRT, 2008 [1930-54]) promovida pelo Capitalismo.

Pensando isso, é possível contemplar as implicações deste aumento de velocidade na hipermodernidade em diversas partes, mas

na academia elas têm sido especialmente preocupantes, principalmente pelo número assombroso de fraudes em trabalhos acadêmicos.

O pensamento de Hanna Arendt será utilizado então, para que a partir do entendimento do que é uma compreensão e uma doutrinação, seja possível entender como na hipermodernidade esta “pressa” por resultados imediatos impede o processo de compreensão e leva a doutrinação promovida pela “Cultura do consumo”. Além disso, possibilita saber quais são as consequências desta não compreensão no desenvolvimento acadêmico do sujeito, e como isso afeta suas relações e práticas em sociedade.

Aceleração do tempo na hipermodernidade

“[...] a vida pode parecer uma espécie de louca corrida individual em busca do bem-estar, da felicidade, do sucesso, do desenvolvimento pessoal, da novidade, da exigência de performance e da excelência, na qual a medida de bem-estar parece proporcional à medida de urgência, de excessos, de polivalências, de mobilidades, de capacidade a fornecer sempre mais rapidamente as respostas apropriadas.” (SOARES; DANTAS, 2006, p. 95).

A hipermodernidade pode ser definida como um período contemporâneo que emerge a partir dos anos 90 e tem como característica a “ascensão irresistível do reino do excesso e do imediatismo, pelo individualismo paradoxal, pela instabilidade e pela dualidade” (SOARES; DANTAS, 2006, p. 92).

Segundo Sébastien Charles (2004) a hipermodernidade precisa ser entendida como uma sociedade liberal onde impera uma lógica paradoxal que já existia na modernidade, mas que neste tempo é levada ao extremo. De um lado está uma construção conservadora que envolve uma questão Identitária e um retorno a uma “tradição reciclada”, de

outro, uma flexibilidade em relação aos princípios estruturadores da modernidade (nação, Estado, religião, família, etc.).

As pessoas vivem uma urgência, onde o tempo está cada vez mais curto, enquanto as atividades do dia a dia perfazem uma lista infinita. Elas precisam trabalhar muito para ganhar muito dinheiro e alcançar seus objetivos (que na maioria das vezes envolve a aquisição de bens), mas de onde teria surgido esta pressa? Teria sido apenas do medo de ser ultrapassado pela “evolução”, pelos avanços técnico-científicos?

A resposta a estas indagações está no discurso de “doutrinação velada” que a sociedade do consumo, fundamentada na superestrutura da “Cultura Capitalista”, implementa na hipermodernidade. Olgária Mattos (2007) define a “Cultura Capitalista” como a transformação da economia de mercado em sociedade de mercado, como aquelas práticas que antes diziam respeito apenas às relações comerciais, mas agora passam a determinar também as relações sociais. Percebe-se então que essa pressa advém da maneira que o Sistema Capitalista encontrou de permanecer vigente, imbuindo nas pessoas um pensamento voltado para o excesso, para a crença da necessidade, onde a frase “O que seria de mim sem meu celular?” é corriqueira.

O mais inquietante de toda esta situação é o desejo sempre presente dos “acelerados” de mais tempo para “viverem suas próprias vidas”. O que estes não percebem é que a estão vivendo, mas atendendo antes de tudo a uma lógica impiedosa que é dominante, a do capital.

Segundo Soares e Dantas (2006), na urgência evidencia-se a relação que o indivíduo hipermoderno construiu com o tempo. Será a

partir das maneiras como esta “lógica da urgência” se configurará que, no plano individual ou coletivo, a identidade do sujeito será construída.

A urgência desta sociedade contemporânea envolverá, atrelada a ideia dos desejos ilimitados presente no discurso capitalista, o anelo de conquistar tudo, inclusive o feito de triunfar diante da morte, do vazio, do silêncio. Esta possibilidade de vencer a finitude da vida está embasada na “ilusão de que se pode possuir, submeter e dominar o tempo segundo nossos desejos” (SOARES; DANTAS, 2006, p. 95). Assim, acredita-se que o dinheiro é dotado de um poder, em um sentido às vezes até mágico, encantado.

“[...] o tempo surge como um objeto, um bem que o homem busca adquirir, e os termos usados em relação à ilusão do domínio do tempo são correlatos à identificação deste com o dinheiro, próprio do imaginário capitalista.” (SOARES; DANTAS, 2006, p. 95)

Veremos a seguir como os conceitos de doutrinação e compreensão, na visão de Hanna Arendt, ajudam a entender as consequências da aceleração do tempo.

Doutrinação e compreensão

“A impermanência das coisas humanas diz respeito à sua fragilidade e ao desejo de mantê-las no tempo, e a universidade participa do desafio de enfrentá-las [...]”. (MATTOS, 2007, p. 72)

Nos últimos anos, a academia tem sofrido com o grande número de estudantes que para realizarem trabalhos ou sanar suas dúvidas recorrem a sites não confiáveis (VIEIRA, CHRISTOFOLETTI, 2012) como a Wikipédia, a chamada “A enciclopédia livre”, estes são sites que

reduzem a grandeza de significado de um vocábulo a poucas linhas de informações que podem ser alteradas por qualquer um.

Quem pôde vivenciar, há alguns anos atrás, o que era uma enciclopédia fica um tanto quanto estarecido ao perceber como se tornou curta a explicação para um conceito, aquilo que antes tomava oito, dez vinte páginas de grandes livros, reduz-se a poucas linhas de um site, isto pode ser esclarecido pelas características que são valorizadas pela sociedade que vivemos, em que tudo o que é *hiper* é mais bem aceito.

É interessante pensar que até em sua estruturada a Wikipédia retrata a aceleração do tempo na hipermodernidade, inicialmente coloca-se uma explicação breve do que se trata o termo buscado (figura 1), em seguida para quem interessar-se por uma “maior profundidade” no assunto basta descer um pouco a página onde uma explicação maior é fornecida (figura 2).

A screenshot of the Portuguese Wikipedia article for the word "Tempo". The page features the Wikipedia logo on the left, a navigation menu, and the main article content. The article title is "Tempo" and it includes a note about disambiguation, a definition of time in common usage, and a more detailed scientific definition. The text is in Portuguese and discusses the perception of time and its measurement.

Figura 1. Definição mais ampla do conceito *tempo*.

O tempo é uma **grandeza física** presente não apenas no cotidiano como também em todas as áreas e cadeiras científicas. Uma definição do mesmo em âmbito científico é por tal não apenas essencial como também, em verdade, um requisito fundamental. Contudo isto não significa que a ciência detenha a definição absoluta de tempo, ver-se-á que tempo, em ciência, é algo bem relativo, não só em um contexto cronológico - afinal, as teorias científicas *evoluem* - como em um contexto interno ao próprio **paradigma** científico válido atualmente. ^{[[citar\]](#)}

Definição científica

Em Física, tempo é a **grandeza física** distamente associada ao sequenciamento, mediante ordem de ocorrência, de eventos **coincidentes** - eventos estes sempre observados a partir da origem do referencial para o qual se define o tempo.

Definido desta forma, o tempo parece algo simples, mas várias considerações e implicações certamente não triviais decorrem desta, mostrando mais uma vez que este companheiro inseparável de nosso dia-a-dia é mais misterioso e sutil do que se possa imaginar.

Conforme definido, a grandeza tempo encontra-se intrinsecamente relacionada à grandeza **energia**, ao conceito de **coincidência**, e ao conceito de **referencial**. As relações entre energia e tempo são tão estreitas que estas duas grandezas são ditas grandezas conjugadas, tanto ao considerar-se teorias físicas já há tempos consolidadas, como a **termodinâmica**, como ao considerar-se teorias da **física moderna**, como a **relatividade** ou a **física quântica**.

Na mecânica clássica tem-se por definição que a coincidência de eventos em um dado referencial implica a coincidência destes dois eventos em quaisquer outros referenciais, sendo o tempo neste contexto definido como uma grandeza absoluta e explicitamente independente do referencial.

O avanço dos recursos experimentais e a evolução das teorias para a dinâmica de matéria e energia observados no século XX, contudo, colocaram em xeque o pressuposto que fora assumido no contexto clássico. A **teoria da relatividade restrita**, conforme publicada por **Albert Einstein** em 1905, trouxe à tona a explícita dependência da coincidência de eventos com o referencial a partir do qual se observam os mesmos: eventos que são coincidentes quando observados em um referencial não o serão em referenciais que movam-se com velocidades apreciáveis em relação ao primeiro, e mesmo para referenciais estáticos em relação ao primeiro não há obrigatoriedade de coincidência. Neste contexto, em vista de sua definição, o tempo perde o status de grandeza absoluta e universal e passa a ser uma grandeza estritamente local, uma grandeza necessariamente atrelada à origem de um referencial em específico.

A dependência do tempo com a energia decorre do processo usado para mensurá-lo. Medir o tempo implica estabelecer um mecanismo físico que produza um dado evento que se repita de forma uniforme e simétrica, e nestes mecanismos repetições uniformes e regulares significam, em acordo com o **teorema de Noether** quando aplicado à **definição de energia**, uma energia muito bem definida para o mecanismo de referência. Incertezas na energia deste implicam incertezas na medida do tempo ao usar-se tal mecanismo - tal relógio - para mensurá-lo.

A relação entre energia de tempo é também evidente ao considerar-se a **entropia**, grandeza física definida no âmbito da **termodinâmica** quando se consideram os processos onde ocorrem trocas ou concorrentes à distribuição de energia, a qual associa-se a capacidade de discernimento do que veio primeiro e do que veio posteriormente em tais sistemas físicos quando considerados de forma



Figura 2. Definição mais "profunda" do termo *tempo*.

O que está em questão não é então a maneira pela qual a internet propaga as informações ou a facilidade de acesso a estas, mas sim o que leva o indivíduo a abrir mão da busca por compreender as coisas em sua essência por uma solução que, apesar de mais rápida, não é edificante. Os trabalhos acadêmicos visam antes de tudo, compartilhar o saber, estimular o conhecimento e preparar e integrar o profissional às novas exigências do que surgirão durante sua atuação (TAGATA, 2008).

Hanna Arendt elucida em *Compreensão e política: (Algumas dificuldades de compreensão)* (2008 [1930-54]) o ato de compreender como uma atividade infinda nos leva a uma conciliação com o mundo à nossa volta. Falar de algo interminável numa sociedade hipermoderna é inconcebível, uma vez que, como já foi mencionado, se impera a lei da velocidade, do instantâneo. Diante disto, o que ocorre quando se tenta abreviar o processo de compreensão?

Para Arendt (2008 [1930-54]) mesmo que a partir de boas intenções, acelerar o processo de compreensão para atingir a educação

é doutrinação. Segundo ela, a doutrinação é perigosa, pois parte de uma distorção da compreensão real.

Para entender porque a situação nas universidades é calamitosa, é necessário maior aprofundamento no que Hanna Arendt concebe como sendo produto da compreensão. Nas palavras da autora, “O resultado da compreensão é o significado a que damos origem no próprio processo de viver, na medida em que tentamos nos conciliar com o que fazemos e sofremos.” (ARENDR, 2008 [1930-54], p. 331).

Desta maneira, compreender é um processo que se repete durante todo o tempo. Cada indivíduo conserva em si mesmo sua singularidade e, portanto, jamais se verá completamente conciliado com o mundo a sua volta que lhe parecerá sempre estranho. O que pode ocorrer, e que nesta argumentação enxergamos que ocorra nas universidades hoje é a doutrinação, essa tentativa que já nasce frustrada de oferecer respostas prontas para aquilo que não tem respostas, aquilo que é interminável e não pode jamais esgotar-se em uma breve definição.

Para Hanna Arendt (2008 [1930-54]), em comparação à educação e a propaganda totalitária, em um país livre, a doutrinação será pouquíssimo utilizada. Não se pretende aqui o engendramento na discussão da autora a cerca do totalitarismo, e, portanto sua afirmação a esse respeito não será questionada, mas pode-se refletir a seu respeito, principalmente na questão da liberdade. Será que o Brasil apesar do discurso liberal é um país livre?

Se levarmos em conta as múltiplas formas de doutrinação impostas pelo regime capitalista neste país, bem como em vários outros, a resposta é clara: não. Existem leis que garantem a proteção do consumidor, a grande pergunta é quando a doutrinação propagada, por exemplo, é vista pelos expectadores como prejudicial. Este tipo de

Publicidade quando utilizada a serviço do capital, é apenas um exemplo das muitas formas de doutrinação que levam o sujeito a pensar de maneira consumista: pode-se citar a indústria fonográfica, o cinema, a moda, dentre outros.

Isabella Henriques em seu texto *O Marketing infantil e o Direito: a ilegalidade da publicidade dirigida a crianças* afirma que na legislação brasileira já é possível interpretar a publicidade voltada para a criança como sendo proibida no país, isto se dá pelo reconhecimento da incapacidade infantil de analisar criticamente as mensagens publicitárias ou compreender seu caráter persuasivo. A proposta é interessantíssima, mas será que são apenas as crianças que são incapazes de reconhecer a face persuasiva e, porque não dizer doutrinadora das propagandas?

Com boa parte dos universitários o que ocorre é ainda pior, existe uma conscientização de que as propagandas fazem parte de uma técnica de enlevo discursivo para leva-los ao consumo, no entanto é absolutamente natural que se deixem levar por elas sem qualquer tipo de análise crítica.

Parece ser uma postura alarmista dizer que os universitários por conta da aceleração do tempo, especialmente os brasileiros dos quais se tem informações, são doutrinados pelo Capitalismo e recusam-se buscar a compreensão, no sentido abrangente proposto por Arendt com vistas à conciliação com as coisas do mundo. Todavia, esta é a retratação da realidade: a corrida incansável pela conquista dos desejos leva o sujeito a abrir mão, mesmo que inconscientemente, de suas faculdades teleológicas em nome de um ideal de urgência construído pela “Cultura Capitalista”.

As relações sociais em que nitidamente se observam a volatilização das metas humanas são as relações amorosas, em que o

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.3 jul/2020

conectar-se e desconectar-se apenas para atender um desejo torna-se a principal prática entre os indivíduos. Este tópico não será desenvolvido neste trabalho, entretanto vale ressaltar que Bauman (2004) em seu livro “Amor Líquido”, discutirá amplamente o impacto das transformações nas relações afetivas de longo prazo em relações de prazer imediatista.

Retornando ao âmbito universitário, a principal consequência deste fenômeno observável no ambiente acadêmico são os altos índices de fraudes, plágios e venda de monografias em por todo o país. Segundo o portal de notícias do jornal *O Globo*, foi constatada em Pernambuco a existência de uma empresa de vendas de monografias, onde o serviço era oferecido na internet e em classificados de jornais, o preço de um trabalho de sociologia, por exemplo, poderia variar de R\$ 900 a R\$ 1.600.

“A escola e a universidade são instituições que instituem, que instauram uma ordem comum de valores e saberes [...]. Na educação e através dela diferenciam-se o ‘eu’ e o ‘ideal do eu’ e é por ela que se forma um povo e uma coletividade como ‘ideal de uma população’” (MATOS, 2007, p. 79).

A preocupação aqui externada se deve ao fato dos universitários se tornarem em breve os profissionais que atuarão em diversas áreas no país. É importante lembrar que sem que haja neles um exercício de reflexão e crítica, o Brasil poderá permanecer nesta situação de miserabilidade, que envolve sim a questão financeira, mas vai muito além desta, está relacionada à maneira como se constrói a subjetividade na hipermodernidade resultantes do Capitalismo.

Conclusão

O campo da Psicologia Social leva em conta tanto o social quanto o individual e o principal argumento que justifica seus estudos na é o fato do ser humano ser concebido como um ser em constante relação e, por isso, estudá-lo sem levar em conta o seu meio circundante não faria o menor sentido. Por essa razão entender as relações sociais torna-se tão fundamental na formulação de uma análise crítica.

Neste artigo buscou-se traçar uma análise crítica de alguns pontos presentes no contexto acadêmico atual brasileiro levando em conta as discussões da Escola de Frankfurt sobre as implicações da aceleração do tempo provocada pela “Cultura capitalista” e também as concepções de Hanna Arendt quanto às relações sociais na hipermodernidade.

Se levarmos em conta os problemas e conflitos que as sociedades enfrentam na contemporaneidade, encarar a realidade a partir de um olhar característico da Teoria Crítica parece ser mais urgente do que nunca. No entanto, em geral, as características propulsoras de uma teorização crítica são o inconformismo, o desconforto e a indignação que quando presentes manifestam-se sob a forma de rupturas totais (SANTOS,1999). Reconhece-se, então a importância deste trabalho.

Enquanto proposta de mudança efetiva na situação do país, vale ressaltar a necessidade de uma mudança no cerne dos pensamentos, na construção identitária de cada um e naquilo que cada um dos indivíduos coloca como seu “ideal de eu”, ou seja, que se torna ideal de toda uma população.

Kant em sua obra *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”* (“*Aufklärung*”) (1974 [1783]) define como menoridade a “incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” e

coloca que a causa dessa minoridade não está na falta de entendimento, mas antes na ausência de coragem de “servir-se de si mesmo sem a direção de outrem” (KANT, 1974 [1783], p. 100). Contudo, segundo o filósofo o esclarecimento é possível, e “se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável” (KANT, 1974 [1783], p. 102, grifo nosso).

É possível concluir então que, possivelmente, para que os universitários brasileiros alcancem a compreensão, é necessário que se libertem do jugo que os aprisiona de tal maneira impedindo um posicionamento crítico ante a sociedade em sua contemporaneidade. Contudo, ainda há muito que ser discutido, pesquisado e pensado quanto a este tema.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ARENDT, H. **Compreensão e política: (As dificuldades de compreensão)**. In: _____. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios), 1930-54**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 330-346, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHARLES, S. Da Pós-modernidade à Hipermodernidade. **Philosophica: revista de Filosofia da História e Modernidade**, n. 5, p. 91-113, Sergipe, NEPHEM/ UFS, 2004.

EWALD, A. P. et al. Possibilidades identitárias: discussões na hipermodernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, UERJ, ano 6, n.2, p. 1-5, 2006. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/sumariov6n2.html>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

HENRIQUES, I. O Marketing infantil e o Direito: a ilegalidade da publicidade dirigida a crianças. In: SOUZA, I. M. C. C. (coord.). **Família contemporânea: uma visão interdisciplinar**. Porto Alegre: IBDFAM: Letra & Vida, p.115-123, 2011.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento” (“Aufklärung”). In: _____. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, p. 100-117, 1974 [1783].

MATOS, O. Cultura capitalista e humanismo: educação antipólis e incivilidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 62-79, ago. 2007. Disponível em

<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892007000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mai. 2020.

PERNAMBUCO tem empresa de comércio ilegal de monografias. O Globo, portal de notícias *online*, 10 set. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/pernambuco-tem-empresa-de-comercio-ilegal-de-monografias-3209463>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

SANTOS, B. S. Palavras de abertura. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, UC, n. 54, p. 7-11, 1999. Disponível em: <<http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/54/Boaventura%20de%20Sousa%20Santos%20-%20Palavras%20de%20abertura.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

SOARES, J. C.; DANTAS, M. A. Considerações sobre a morte e o morrer na hipermodernidade. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, UERJ, ano 6, n. 2, p. 89-104, 2006. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a08.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

TAGATA, C. M. Ética na pesquisa científica - o papel do professor na construção de um cidadão ético. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**. Umuarama. v. 11, n. 1, p. 115-125, 2008. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/juridica/article/viewFile/2253/1854>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

VIEIRA, M. V.; CHRISTOFOLETTI, R. Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, n. 15, 2013.

[WIKIPEDIA. Imagens copiadas do site]. Formato JPEG. 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tempo>>. Acesso em: 21 mai. 2020.